

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

SALVEMINI (Gaetano). — *Storia e Scienza*. La Nuova Italia, Firenze, 1948, 148 págs..

A recomendação feita pela própria editôra "La Nuova Italia", de Florença, a respeito do volume do prof. Salvemini, publicado na série "Orientamenti" sob o título *Storia e Scienza*, é altamente promissora: "Si potrebbe definire quest'opera una propedeutica agli studi storici... L'opera è di particolare utilità per quei giovani che, rivolgendosi a questo genere di studi, sentono la necessità di un metodo e di una guida sicuri."

Infelizmente, entretanto, somos levados a não concordar com tais palavras, que preparam o nosso espírito para o contacto com uma obra pesada, em que realmente se encontre conteúdo e que possa, realmente, ser encarada como um guia seguro, fornecedor de um método de trabalho para os que principiam o estudo da matéria. E muito pouco destas características encontra-se no referido volume. Para começar, o A. intitula o seu livro *Storia e Scienza* e, à pág. 24, assim se expressa: "Nel discutere il problema se la storia e le scienze sociali sono scienze, rinuncio ad ogni pretesa di elevarmi sopra l'umile terreno del senso comune alle alte sfere della filosofia. Non che mi manchi il desiderio di salire a tali altezze; semplicemente non ne ho la capacità. A tali altezze l'atmosfera è troppo rarefatta per i miei polmoni e il mio cuore. Negli scritti di molti filosofi dei giorni nostri, non ostante il massimo sforzo, io non capisco niente." Talvez o A., fugitivo do fascismo e refugiado nos Estados Unidos, se tenha impregnado do espírito excessivamente prático que tornou famosos os americanos do norte, sendo, assim, levado a afastar-se de toda e qualquer cogitação de ordem filosófica. Mas, neste caso, achamos estranho que se dedique (no volume em questão), a um tema essencialmente teórico e para cujo desenvolvimento parece-nos indispensável o recurso à filosofia. Aliás, podemos responsabilizar a incapacidade filosófica, que o A. confessa, pela sua própria definição de História: "...ogni sforzo tendente a ricostruire avvenimenti passati con l'aiuto di ciò che ne rimasto o delle traccie che essi hanno lasciato nella memoria degli uomini" (pág. 2). Tal definição, publicada em 1948, não depõe muito em favor do A., como facilmente se verifica: 1) — História sendo, antes de tudo, "ogni sforzo", reduz-se, primeiramente, a um dispêndio de energias e não à reconstrução de acontecimentos passados; ainda que este esforço não seja bem sucedido e que a reconstrução resulte inteiramente falsa, teremos sempre "um esforço tendente à reconstrução" e, portanto, História. 2) — Tomando-se a definição de Salvemini chegaremos a conclusões interessantes, sem dúvida, como esta, por exemplo: os produtores de Hollywood que realizaram a filmagem de "Sansão e Dalila" ou d'"Os últimos dias de Pompéia" foram (talvez mais do que quaisquer outros), legítimos historiadores, uma vez que dificilmente encontraríamos reunidas, de maneira tão objetiva, as condições enunciadas na referida definição: esforço, tendência à reconstrução de acontecimentos passados (frizemos bem que não se trata do passado), com o

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

auxílio de vestígios e documentos que dêles nos restaram. E a propaganda cinematográfica, particularmente em relação ao primeiro filme que lembramos, insiste com força na maneira pela qual são estudados os cenários e os documentos para que se obtenha uma perfeita reconstrução. Já que se trata, no caso do prof. Salvemini, de aulas reunidas em volume, lembremos também aqui uma aula: a do prof. Braudel, na Sorbonne, ao inaugurar os cursos de 1951. Temos, aí, um professor de História, dirigindo-se aos seus alunos com a preocupação de orientá-los no caminho das novas diretrizes na matéria. Um caso semelhante é o do prof. Litt, de Bonn, que publicou uma conferência sob o título "Geschichtswissenschaft und Geschichtsphilosophie". Não fôsse a confessada ojeriza de Salvemini pela filosofia e lembrarmos ainda o seu compatriota Croce, tão importante para o movimento historiográfico contemporâneo; de qualquer modo, entretanto, o volume do prof. Collingwood, "The Idea of History", em que uma boa parte é dedicada a Croce, é mais do que suficiente para demonstrar que a História é alguma cousa de mais complexa do que parece imaginar Salvemini.

Isto, entretanto, não quer dizer que não se recomende a leitura do volume. É, até, bastante interessante como distração para os espíritos cansados, que necessitem de repouso intelectual e que aí têm, inclusive, oportunidade de encontrar anedotas bem imaginadas, como a da bibliotecária que hesitava quanto à classificação de livros sobre a Imaculada Conceição por não saber se se tratava de Teologia ou de Embriologia (pág. 10). Leitura rápida, entretanto, para evitar perda de tempo com digressões inúteis, como aquela que se destina a demonstrar que "Os três mosqueteiros", de Alexandre Dumas, é um romance histórico, mas não uma obra de História... Isto, certamente, para evitar que algum discípulo mal avisado vá recorrer a Dumas para estudar história da França. Parece-nos, até mesmo, que uma advertência desta ordem pode ser considerada como uma ofensa para o auditório de Salvemini, constituído pelos estudantes da Universidade de Harvard, Cambridge Mass.). Entre outras, há também observações que podem ter qualquer outra característica, menos a de originalidade: "L'uomo che sa tutto su un dato argomento senza saper niente di tutto il resto restringe le sue attività intellettuali" (pág. 117); ou então: "Per evitare i cattivi risultati prodotti sulla vita interiore dall'eccessiva limitazione della sfera intellettuale abbiamo bisogno, oltre che di cognizioni specializzate e professionali, di una massa ampia e varia d'informazioni di ogni genere" (pág. 118). De fato, é necessário que tais descobertas sejam publicadas, porque, do contrário, dificilmente poderíamos chegar a elas por nossa própria conta... E isto é o suficiente, acreditamos, para que se tenha uma idéia de todo o volume do prof. Salvemini.

PEDRO MOACYR CAMPOS.

---

BUSCHOR (Ernst). — *Frühgriechische Jünglinge*, München, R. Piper & Co., 1950, 160 pp. e 180 ilustrações.

Desde meados do século VII até o início do século V surgiram na Grécia inúmeras estátuas de adolescentes, ornando santuários e túmulos e apresentando sempre umas tantas características que lhes asseguram um lugar bem destacado na história da escultura helênica. Trata-se de *jovens nus*, em pé, uma das pernas para a frente, braços caídos ou apenas elevados para sustentar algum objeto votivo, troncos rígidos — obedecendo à imobilidade da coluna vertebral —, cabeça também sem torsão ou inclinação mas com rostos resplandecentes, olhar brilhante, fisionomias em que se reflete uma vida integral, de irrepreensível beleza, puras representantes da mais alta espiritualidade, divinas no sentido grego ou em qualquer sentido (pág. 1). Ao estudo destas estátuas dedica E. Buschor o seu novo livro, cujas primeiras linhas revelam, de maneira suficientemente clara, o entusiasmo que anima o A. pelo objeto de sua

Seguindo as diferentes fases do período arcaico vemos, então, desfilar uma série de imagens de adolescentes, sempre numa mesma ordem, conforme a região em que se tenham originado: dórias, em primeiro lugar, dada a importância do Peloponeso no período em questão, ponto de partida do templo dórico e onde podemos supor ter-se localizado a primitiva criação das estátuas dos adolescentes (p. 10); áticos, em seguida, mormente — no arcaísmo antigo —, os três jovens de Dipylon (ora no museu de Nova Iorque) e o de Sunion I, através dos quais podemos afirmar que Atenas passava, nesta época, por uma fase de intenso florescimento da estatuária do mármore. Ora, o mármore destas estátuas, certamente buscado nas Cícladas, conduz-nos às ilhas, que nos oferecem tipos de adolescentes jônicos insulares e orientais (Tasos). Por fim, o estudo de uma "obra provincial", o pilar tumular encontrado em Tanagra, na Beócia, onde estão esculpidos dois adolescentes, encerra a primeira parte do volume.

Na segunda grande fase de desenvolvimento da imagem do adolescente, no alto arcaico, domina um traço de vida despreocupada, alegremente infantil. A experiência de espiritualidade e de vivência primitivas que se irradia das fisio-nomias do século VII era mesclada com a penetração no ultra-antigo, apartado do tempo e tinha como pressuposto, de certa maneira, a sabedoria do ancião experiente. Agora, na segunda fase, pode-se falar de uma infantilização da arte, desde que não seja esquecido que seus realizadores não eram, de modo algum, crianças, mas mestres consciêntes de seus ofícios ("Auf der zweiten grossen Stufe des Jünglingsbildes, der hocharchaischen, bricht das kindhaft-freudige, unbekümmert starke Erleben der Daseinswelt mit Macht durch. Das Erleben der Urgeistigkeit und Urlebendigkeit, wie es die Gestalten des siebenten Jahrhunderts ausstrahlen, war mit Einblick in Uraltes, Zeitentfernes gemischt, hatte in einem gewissen Sinn die Weisheit des erfahrenen Greises zur Voraussetzung. Jetzt, auf der zweiten Stufe, kann man von einer Kindwerdung der Kunst sprechen, wenn man nicht vergisst, dass ihre Hervorbringer keineswegs Kinder, sondern wissende Meister ihres Handwerks gewesen sind", p. 35). Os gémeos de Delfos, dignos representantes da arte do Peloponeso, iniciam a série de obras examinadas, vindo, após, adolescentes encontrados em Corinto, Epidauro e Tenea. Passamos à Ática, já com a estatuária de Atenas exercendo a liderança e, como no Peloponeso, notam-se várias diferenças em relação ao período anterior. As ilhas jônicas do Egeu podem ser, agora, agrupadas conforme o tipo de adolescente que apresentem, adolescentes êstes que, quase sempre, surgem consagrados a divindades, sejam elas masculinas (Apolo, Poseidon) ou femininas (Hera, Atena). Paros e Naxos são as ilhas que desempenham o papel de centros de características próprias: ao contrário das manifestações temperamentais de Paros, Naxos faz fluir uma suave melodia; o encanto da superfície é menos espicaçante, atitude e contórno menos vivazes, freqüentemente mesmo de enérgica reserva (p. 61). A primeira ligam-se Tera e Tasos, à segunda, Delos e Melos. Naturalmente, o campo de expansão dos tipos de adolescentes próprios às ilhas é útil para o estudo das relações que elas mantinham entre si e com as diversas partes da Hélade continental. Observando-se as ilhas do Egeu Oriental encontramos parentesco entre os adolescentes de Chios e os de Paros, de um lado, e de outro, entre os de Samos e os de Naxos. Mantêm-se sempre, porém, os traços típicos de cada região, o que faz com que, aqui, as estátuas careçam da clara e pesada maestria de construção do Peloponeso, da fantasiosa espiritualidade da Ática e também da expressiva sensorialidade jônica insular. Como se imaginam dan-sarinos, corredores e lutadores jônios com mais vacilante corporeidade, com mais ágil e esquivante mobilidade, assim introduzem as estátuas de adolescentes jônios orientais uma nova nota no já conhecido quadro, nota esta ao mesmo tempo sensorial e de clarificação das linhas, menos construída, crescida mais à maneira das plantas, túmida e amoldante ("Aber dieses Bild entbehrt der peloponnesisch klaren und schweren Baumeisterlichkeit, der phantasiereichen attischen Geistigkeit, ja auch der prägnanteren inseljonischen Sinnhaftigkeit.

pesquisa: "Estátuas de adolescentes da aurora grega: uma palavra grandiosa, festiva, libertadora e afortunante ressoa por sobre os milênios até nós; um som puro e forte, que refresca e dá saúde; quem alguma vez o acolheu em si, permanece, para sempre, por êle tocado, vivificado, transmutado ("Frühgriechische Jünglingsstatuen: ein grosses und feierliches, ein befreiendes und beglückendes Wort tont aus ihnen über die Jahrtausende zu uns herüber; ein reiner und starker Klang, der gesundet und erfrischt; wer ihn einmal in sich aufgenommen hat, bleibt für immer von ihm berührt, befeuert, verwandelt").

Naturalmente o aspecto material do volume assume uma importância capital num trabalho desta natureza, em virtude das indispensáveis reproduções fotográficas, essenciais para que se possa acompanhar o pensamento do A.. Tal dificuldade parece ter sido, na medida das possibilidades, ultrapassada com sucesso, para o que recorreu o A. a outros especialistas, particularmente Christos Karusos (diretor do Museu Nacional de Atenas), Gisela M. A. Richter (que, sobre o mesmo assunto, publicou o volume intitulado "Kouroi", Oxford University Press, New York, 1942), E. Kunze, E. Langlotz, Hans Diepolder, Heinz Kahler e E. Wedeking. Puderam ser, assim, reunidas 180 excelentes fotografias de estátuas que se encontram no Museu Nacional de Atenas, no Louvre, em Berlim, Munique, Samos, Boston, Nova Iorque, Istambul, Roma, Copenhague, etc., sendo que, deste total, 75 dizem respeito a imagens que são pela primeira vez expostas aos olhos do grande público. Como sempre, em tais assuntos, a destruição do tempo foi enorme, o que leva o A. a dizer que apenas uma pequena parte das estátuas de adolescentes pôde chegar até nós, motivo porque não podemos apreender muitos dos traços essenciais deste ramo da escultura helênica; inversamente, várias características devidas a desvios na orientação artística ou a condições de ordem estritamente local surgem-nos em virtude da conservação casual de obras de menor importância. Várias vezes, no decorrer do seu trabalho, Buschor é levado a lamentar as destruições que, por vezes, impediram que tomássemos contacto com períodos inteiros da estatuária dos adolescentes; é o caso, por exemplo, das imagens de pedra do Peloponeso da última fase do arcaísmo, das quais nada nos resta que possa testemunhar a maneira pela qual os artistas da região conduziram o tipo de adolescente às suas características finais (p. 84). Há ocasiões, entretanto, em que tais lacunas podem ser preenchidas com o recurso a outras manifestações artísticas, principalmente os relevos.

A adoção de um critério ao mesmo tempo cronológico e geográfico para a distribuição da matéria fez com que o volume apresentasse, além de uma curta introdução (pp. 5-9), três capítulos em que são passadas em revista as diversas regiões da Grécia que se destacaram no setor; temos, assim, em primeiro lugar, o arcaísmo antigo (Früharchaisch, pp. 10-34), em seguida o médio (Hocharchaisch, pp. 35-83) e, por fim, o arcaísmo recente (Spätarchaisch, pp. 84-157).

Na Introdução filia o A. as estátuas dos adolescentes às imagens votivas que, impregnadas de elementos orientais, surgiram no mundo grego desde o século IX; toma, entretanto, o cuidado de notar que não se trata de simples prolongamento, uma vez que foi necessária a interferência de uma nova atividade espiritual que, conduzindo a u'a muito maior harmonia, ultrapassou com grande vantagem a "antiga, flutuante viveza primitiva" ("...alte, schwimmende Urlebendigkeit."). Progressos de ordem técnica tiveram também, naturalmente, o seu papel, mormente os que proporcionaram ao grego o domínio da pedra e das grandes dimensões. E então, não somente foram emprestados às estátuas um brilho festivo e uma duração eterna, mas também u'a mais próxima humanidade; nelas imprime-se u'a humanização do mundo divino e este importantíssimo traço afasta-as das estátuas orientais que, certamente, abriram o caminho e forneceram à estatuaría helênica o esquema da figura humana em pé (pp. 7-8). Assim sendo, o estudo da escultura dos adolescentes indicaria mesmo um roteiro para chegar-se ao momento em que a Hélade tornou-se autônoma em relação aos modelos orientais, fôssem eles epípcios ou asiáticos.

Wie man sich jonische Tänzer, jonische Läufer, jonische Ringer in labilerer Körperlichkeit, in geschmeidiger gleitender Beweglichkeit denkt, so bringen die ostjonischen Jünglingsstatuen eine neue eigene Note ins bekannte Bild, eine zugleich sinnenhafte und linienverklärte, eine weniger gebaute, mehr nach Pflanzenart gewachsene, strotzende und sich schmiegende", p. 74).

O esforço de expressão da multilateralidade das experiências da vida assinala o arcaísmo recente, o que empresta às estátuas características que são como que "a língua da meninice madura e avançada" ("...die Sprache der reifen und späten Kindheit", p. 84). Desenvolve-se, mais uma vez, o mesmo roteiro: do Peloponeso — que nos deixou, deste período, apenas imagens de metal de formato médio e pequeno —, passamos a Egina e à Ática, em que os novos traços da época se manifestam de maneira tão profunda (cf. pp. 105-106, 109, 112, 115, 116, 121, 123, 124), fazendo com que sejam adquiridas pelos adolescentes um novo grau de consciência e de liberdade íntima que deixam para traz toda a meninice. Os tipos de adolescentes das ilhas, revelando à saciedade o contacto entre os mestres insulares e os continentais, surgem-nos em Naxos, Paros, Eubéia e Keos. No oriente do Egeu as ilhas fornecem-nos muito pouco material, mas o suficiente para que se possa apreciar, primeiramente, a continuidade de características marcando o adolescente de Samos e, em segundo lugar, as novas concepções que, ligadas ao próprio regime de Polícrates, passaram a orientar a arte local (pp. 142 e ss.). Por fim, há ainda a expansão da estátua do adolescente para a Itália, através do movimento colonizador, aparecendo, então, o jovem de bronze de Piombino, na Etrúria, como o mais belo exemplar conservado e que, certamente, composto em alguma oficina da Magna Grécia, foi levado para o norte no decorrer das transformações políticas que acompanharam a conquista da península pelos romanos. Ai, nesta estátua colonial, os elementos dóricos e jônicos parecem fundir-se no que têm de mais expressivo, dando origem a uma expressão de maturidade que assegura ao adolescente de bronze um lugar incomparável na história da escultura helênica.

#### PEDRO MOACYR CAMPOS

LAUNNEY (Marcel). — *Recherches sur les armées hellénistiques*. 1.<sup>a</sup> parte (Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome). E. de Boccard. Paris, 1949. 624 pp. in 8.<sup>o</sup>.

Não se trata, como parece à primeira vista, de uma obra de História Militar. Um reexame do título logo nos mostra tratar-se de pesquisa sobre os exércitos dos sucessores de Alexandre. O objetivo dessa pesquisa, porém, o leitor somente encontrará no texto do livro, como sendo o estudo da colonização militar feita por aqueles exércitos, e suas conseqüências. Para esse fim, a pesquisa abrange, no tempo, de 323 (morte de Alexandre), até 30 a.C., (fim da dinastia lágida) e, no espaço, a área do domínio helenístico. Quanto à extensão do assunto, apenas os exércitos mercenários.

A obra completa se divide em duas partes, das quais apenas veio a lume a primeira, objeto deste comentário. A segunda parte, o autor nos diz que será composta de quatro capítulos sobre as conseqüências culturais dessa colonização militar (o ginásio, a vida religiosa, as associações militares e a tradição da vida política). Esta primeira parte contém a "pesquisa étnica", precedida de uma introdução.

Que nos diz Marcel Launey?

O mundo helenístico é um mundo essencialmente militar, e como tal os seus exércitos são elementos de grande importância na constituição da sociedade. Assim, "as necessidades em homens são permanentes, e, em proporção, consideráveis."

Por outro lado, o mundo greco-macedônico provocava movimentos de população e contactos de civilização, como nunca se fez, depois da invasão indo-européia. E, por sua importância numérica, sua coesão, seus caracteres distintos, e provavelmente seu espírito de corpo, a classe militar se distingue de todas as outras como a profissão que maior número de indivíduos pôs em movimento. É o fato da migração dos mercenários, assinalada como um movimento temporário, em oposição à migração definitiva dos colonos.

Estabelecidos esses fatos básicos, o A. vai pesquisar o papel dos exércitos no mundo helenístico, seus contactos com as cidades estrangeiras, suas relações com a população local, a situação do soldado mercenário, seu lugar na sociedade, seu nível de vida, seu prestígio, sua popularidade, etc.

Dispondo de vasto campo de pesquisas, o A. vai se valer do registro étnico (nomes de soldados), o que lhe permite reconhecer as regiões que forneceram mercenários, fixar os períodos de migração intensa e de esgotamento, bem como observar o progresso, manutenção ou regresso de tal ou qual elemento étnico.

A introdução é extensa, porém esclarecedora. Launey nos mostra ainda as fontes de que se serviu (epigráficas, papirologicas, literárias e arqueológicas), os tipos de recrutamento usados pelos diferentes Estados, apresenta-nos o *xenólogo*, o agenciador de mercenários, bem como o *xenago*, o "condottiere" que se alugava com todo o seu bando; para concluir, que, face à tremenda necessidade de homens, "tous les procédés de recrutement son bons".

A seguir veremos que o presente estudo só foi possível devido ao hábito helênico de, nos documentos, identificar os indivíduos não somente pelo seu patronímico, mas também pelo nome de seu dêmos. Ao estrangeiro, pelo nome de sua cidade (político), ou de sua nação (étnico). Além do que, os sobrenomes na maioria dos casos são hereditários.

Necessitando basear suas afirmações sobre números e dados, o A. se vê na obrigação de classificar, quanto ao seu valor estatístico as fontes de que dispõe. Os mais valiosos documentos são as "listas de soldados", que dão, nominalmente, a composição de uma unidade militar de uma guarnição. Entre outros exemplos, temos a lista da guarnição de Atenas, provavelmente do ano 300 a.C., onde a alta porcentagem de trácios assinalada entre os mercenários indica intensas relações entre Atenas e a Trácia, no século IV. Outro procedimento menos seguro é o levantamento dos nomes étnicos, pertencentes aos mercenários e cujos nomes se vêem nas estelas funerárias e nos "grafites" de uma determinada guarnição. O exemplo mais importante que nos dá é o da guarnição de Demétrias-Pagasai, do Egito lágida. Ai se assinalam 23% de soldados fenícios. Sabendo-se que "os fenícios nunca foram bons soldados, mas excelentes negociantes", esses mercenários apenas destacam a importância de Demétrias como centro comercial.

Um terceiro procedimento estatístico, finalmente, é o levantamento dos efetivos dos exércitos em campanha através dos depoimentos de historiadores. Cercando-se de cautelas, Launey nos apresenta vários exemplos: narrativas de Deodoro sobre os exércitos de Eumenes e Antígono Caolho (Paraitaquene) (317); Antíoco III em Rafia (217), segundo Políbio; Titus Lívio e sua descrição das batalhas de Magnésia (189), etc.

E eis a conclusão de Marcel Launey para essa introdução: "Assim, o estudo estatístico dos exércitos helenísticos evoca a imagem de um mundo em plena transformação". A composição étnica dos exércitos assim estudados não será mais que o reflexo da extensão e da gravidade dos fatos demográficos.

A seguir entramos na parte central do livro, que é o estudo da colonização militar pelos macedônicos. São aí examinadas, exaustivamente, as grandes regiões da Grécia, bem como do Império Helenístico, seguindo-se, para cada uma delas, as linhas gerais de sua história nos limites do tempo e do espaço do estudo, e identificando os caracteres particulares de sua migração militar, nos três últimos séculos a.C. Desta forma são estudados os povos do Peloponeso, da Grécia Central e Setentrional, das Ilhas, da Macedônia, os po-

vos balcânicos, da Ásia Menor, a Galácia, os semitas e iranianos e a África e o Ocidente.

É interessante vêr-se o quadro de cada um dos Estados gregos, depois que as grandes cidades haviam desaparecido, e a hegemonia do mundo ocidental se repartia entre os diádocos e a nascente República Romana. Launey nos mostra uma Esparta despovoada, cujos cidadãos não deveriam se pôr ao serviço de potências estrangeiras, pois o espartano não tinha a liberdade de escolher por quem verteria seu sangue. E nos apresenta uma opinião séria numa nota de rodapé: "*Les révolutions de Sparte sont parfois un effort couronné de succès pour accroître le nombre de mobilisables*". Os mercenários de origem espartana, contudo, se destacam pelas suas tradições guerreiras, como chefes experimentados, e não pela sua quantidade.

A Macedônia merece do autor um estudo especial, devido sua importância histórica, a ponto de se permitir sair do plano geral para examinar alguns aspectos puramente técnico-militares. Procura êle saber até que ponto a defesa e a manutenção dos reinos helenísticos foram obra da força do exército macedônico. Reconhece ainda o fato de que a política de fusão racial preconizada por Alexandre não foi seguida pelos macedônicos, orgulhosos de sua vitória. Dos reinos helenísticos, o Egito é o mais bem estudado, graças à abundância de documentos. Propõe-nos, finalizando o estudo da Macedônia, duas teses: "À quel point la tradition militaire macédonienne pèse sur les armées des monarchies hellénistiques? à quel point, aussi, dans ce domaine, comme en beaucoup d'autres, l'Orient hellénistique constitue une réelle unité?"

Semelhantermente, em cada uma das regiões ou dos povos estudados, uma série enorme de fatos pode ser observada, de grande valor aos que estudam a época helenística, visto que o alcance e a utilidade desta obra não estão necessariamente limitados pelo campo de suas pesquisas.

Finalmente, deve-se dizer que o livro em exame representa um trabalho amadurecido, pois seu autor nos confessa tê-lo iniciado em 1932, para concluí-lo em 1946, mas só o publicou em 1949. Somente quem o lê, por outro lado, poderá fazer idéia do volume das pesquisas e consultas feitas, da vastidão da bibliografia citada e indicada, muitas delas altamente especializadas ou somente acessíveis aos familiares do idioma de Homero, tudo o que justifica a grande autoridade que se pode atribuir a êsse trabalho. Caracterizam-no também a precisão e a concordância de seus informes.

Os reparos que se podem fazer são apenas superficiais. Somente no corpo da obra e que pode-se saber que se trata de uma "primeira parte", o que não está assinalado nem na capa nem nas folhas de rosto. Há grande número de abreviaturas que não constam da respectiva lista, principalmente de publicações especializadas. Nota-se a falta de uma relação da bibliografia, devidamente sistematizada, bem como dos costumeiros índices. E finalmente, não compreendemos porque Launey chamou de "*prosopographie*" seu estudo sobre as nominatas.

Esperamos, assim, o 2.º volume destas "*Recherches*". Seria interessante, entretanto, uma vez que esteve em tão chegado contacto com as fontes, e tantos fatos delas apurou, que Launey nos desse também um trabalho completo de História Militar Helenística. A amostra já nos deu com a "*Remarques Techniques*", no capítulo sobre a Macedônia, bem como em outras oportunas observações sobre o armamento, a organização ou a tática, *passim*. Virá mesmo sanar uma falha, pois a bibliografia especializada que conhecemos sobre esse período, ou se baseia em fontes literárias (Arriano, Plutarco, Políbio, Deodoro, Tito-Lívio — obras de Guirchardt, La Chauvelays, Gen. Boucher), ou se trata do completo e utilíssimo "*Dictionnaire des Antiquités*", de Dahreberg, Saglio.

Ten. WALTER JOSÉ FAUSTINI

**REVISTA FILOSÓFICA** (publicação quadrimestral de estudos filosóficos e histórico-científicos), dirigida por Joaquim de Carvalho. Atlântida Editôra. Coimbra.

Muito nos aprez noticiar, nas páginas da nossa revista, o aparecimento, em março de 1951, da nova **Revista Filosófica**, dirigida pelo ilustre e conhecido Professor Joaquim de Carvalho, da Universidade de Coimbra, que tantos e tão interessantes trabalhos tem produzido acêrca da cultura em Portugal. Da apresentação, transcrevemos êstes trechos: "Essencialmente problemática, a filosofia, no sentido mais puro da palavra e do significado, é aspiração sem fim à verdade e de forma alguma pretensão dogmática de a possuir e de a utilizar como travesseiro em que conclusa e definitivamente possam sossegar as inquietudes da razão. Por isso, o que importa é o filosofar e não as conclusões de qualquer filosofia, e, conseqüentemente se dêem condições propicias à gestação do esforço viril e criador de pensar pensamentos sem outro intento que não seja a sua densidade problemática, a sua coerência lógica, a sua consistência científica, a sua potencialidade explicativa. Por índole nativa, a problematização e a desenvolução da reflexão filosófica aspiram à universalidade e à intemporalidade, mas não podem furta-se à garra do tempo e do lugar, porque a gênese dos problemas como a respectiva consideração dão-se em determinadas situações epocais e sob certas condições ambientais". E logo mais adiante: "Por isso, sob certo ponto de vista, a mente do filósofo fita o eterno, ou, pelo menos, o que se não restringe a um lugar e a um tempo, e sob outro, está enleada à vida profunda, à índole nativa e à temporalidade cultural da grei a que pertence. Como contemplador do eterno, talha por si próprio a posição mais coerente ou adopta meditada e conscienciosamente uma das muitas que sempre se oferecem e nunca, como na nossa época, se oferecem tantas e tão diversas orientações e soluções que dão ao mundo filosófico de hoje a configuração de um imenso arraial de vozes onde é impossível captar a melodia do acôrdo; e como mente situada em dado lugar e tempo, o filósofo, que não como o ceifeiro de filosofemas espigados noutro solo, é uma voz profunda onde ressoa a alma do povo, cuja linguagem dá expressão ao seu pensamento e cuja índole nativa dá alento à sua sensibilidade e maneira de ser". Tudo isto que o Prof. Joaquim de Carvalho escreve na apresentação da sua excelente **Revista**, coincide com a orientação em que seguimos na **Revista de História**. Assim, grato nos é saudar o aparecimento de mais uma companheira do mesmo rumo.

Transcrevemos a seguir o sumário dos números 1 (março de 1951) e 2 (julho de 1951) da nova Revista. No 1.º numero: **Posição**, pelo Dr. Joaquim de Carvalho; **Saber e Filosofar**, pelo Dr. Joaquim de Carvalho; **Ponto de vista convergente no estudo do Homem**, por Barahona Fernandes; **Conseqüências de uma distinção em Metafísica**, pelo Pe. Ilídio de Sousa Ribeiro; **A Liberdade como realidade situada**, por Lourenço de Faria. **Marginária, notícia e análise** de vários livros e sumário das revistas portuguesas e brasileiras.

No número 2: **Pontos de referência**, pelo Prof. Vieira de Almeida; **A Consciência histórica de Goethe**, por Albin E. Beau; **Notas para um elogio da consciência desinteressada**, por Cruz Malpique; **Pedro da Fonseca, precursor de Suarez na renovação da metafísica**, por Joaquim de Carvalho; **Sigüncador metafísico da saudade**, por Ramon Piñeiro; **A evolução do universo**, por M. dos Reis. **Marginália, notícia e análise** de livros e sumário das revistas portuguesas e brasileiras.

VÉRTICE — N.º 96, agosto de 1951 (ano XI).

Sumário: **O sim e o não** (artigo de V. Ferreira sobre arte doutrinária); **Dois poemas**, de J. F. Monte; **Loja de antiguidades**, de Ilse Lisboa; **Sean ó Casey e o movimento dramático irlandês**, por Mário Villaça; **Da Profissão de arquiteto**, por A. L.; **O Predomínio financeiro inglês no Brasil** (interessante artigo de Luiz Leite de Vasconcelos, 1.ª parte) e outras notas.

J. CRUZ COSTA

CERRUTI (Elisabeth). — *Je les ai bien connus* — Hachette editôra. 316 pp., trad. francesa, 1951.

A Snra. Cerruti, antiga embaixatriz de Itália, conta no seu livro, a agitada vida que levou: a sua existência de atriz na Hungria, onde nasceu, e a sua atuação em outro palco: o da diplomacia. No seu livro, consagra a A., um pequeno capítulo ao nosso país, em que aparecem cousas curiosas. O título que a Snra. Cerruti dá ao capítulo que dedica ao Brasil é este: "um agradável *intermezzo*". Nada mais gentil, como se vê.

É interessante acompanhar a senhora Cerruti, de 1923 a 1940, nesse seu passeio pela China, pela URSS (onde aparece a figura interessante de Titcherine), pelo Brasil (onde há referências muito elogiosas a Afrânio de Melo Franco e outras, não menos encomiosas a Oswaldo Aranha); pela Alemanha de Hitler e depois, já nas vésperas da última guerra, na sua estadia em Roma. No entanto, ao terminar a leitura desse livro de memórias, nós indagamos se a Sra. Cerruti estaria tão bem informada do que se passou naquelas terras todas quanto o estava em relação à história política do Brasil, onde seu marido ocupou, naquele "agradável *intermezzo*", o lugar de embaixador da Itália. Vejamos o que ela nos conta do Brasil. O trecho não é longo e confirma a teoria do "homem cordial" de Ribeiro Couto. "O Brasil — escreve a embaixatriz — o Brasil que conhecemos há dezenove anos era um país em que não existiam dificuldades materiais. Se elas ali existem hoje, é porque as mesmas se espalharam pelo mundo todo. Os brasileiros são, por natureza, generosos. Não demonstram um grande ardor pelo trabalho e não manifestam avidez de lucros. Sua bondade natural e a consideração que eles têm pelos seus semelhantes, leva-os a ceder os seus produtos por preços razoáveis. Possuem um sentido muito vivo da liberdade. Recentemente ainda, obrigaram o seu excelente presidente, Getúlio Vargas, a pedir demissão, depois de haver êle prestado quinze anos de serviços, pelo fato de parecer que o mesmo se inclinava a tomar ares de ditador. Pessoalmente, nós sempre pensamos que Vargas era um notável homem de estado. Quando da nossa chegada ao Brasil, era êle presidente ainda há poucas semanas. Acabava de substituir então Mangabeira que, ao envelhecer, se retirara, depois de dezoito anos (de governo) e que mais tarde iria morrer no exílio" (sic).

Se todos os livros de memórias são assim exatos?...

J. CRUZ COSTA.

#### RECEBEMOS E AGRADECEMOS O ENVIO DAS SEGUINTESS PUBLICAÇÕES (1951):

Almeida (Eduardo de). — *Sátiras políticas de Seiscentos*. Guimarães, 1950, 72 p.

*Anais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* — Porto Alegre, 1950.

*Anales del Instituto Nacional de Antropología e Historia* — México, v. III, 1949.

- Anhemi. — São Paulo, ano de 1951.
- Anário da Faculdade de Filosofia do Instituto "Sedes Sapientae" — São Paulo, 1951, 184 p.
- Arquitetura. — Lisboa, ano XXIV, ns. 38-39, 1951.
- Arquivo de Beja. — Beja, v. VII, 1950.
- Arquivo do Distrito de Aveiro. — Aveiro, ns. 62, 63, 64, 65, 1950/1.
- Ayrosa (Plínio). — Orações e diálogos da doutrina Cristã na língua brasílica — São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1950, 94 p.
- Beira Alta. — Viseu, ano IX, n.º 4, ano X, ns. 1 e 2, 1950/1.
- Biblioteca Hispana. — Madrid, tomo VIII, ns. 1 e 2, 1950.
- Boletim. — Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1949.
- Boletim da Academia das Ciências de Lisboa. — Lisboa, v. XXIII, 1951.
- Boletim Bibliográfico. — São Paulo, Biblioteca Municipal de São Paulo, vs. XVI e XVIII, 1950/1.
- Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. — Curitiba, v. V, ns. 1 e 2, 1951.
- Boletim do Instituto Vasco da Gama. — Bastorá, n.º 66, 1950.
- Boletim da Sociedade de Estudos da Colônia de Moçambique. — Lourenço Marques, anos XX, XXI, ns. 65, 67, 68, 1950/1.
- Boletim da Sociedade Geográfica de Lisboa. — Lisboa, ns. 5, 6, 9, 10, 1950, e ns. 1, 2, 1951.
- Boletín del Archivo General de la Nación. — Caracas, Imprenta Nacional, ns. 150, 151, 1951.
- Boletín Jurídico-Bibliográfico. — Medellín, ano VI, n.º 10, 1950.
- Boletín de la Universidad de Santiago de Compostela. — Santiago de Compostela, ns. 51, 52, 1948 e ns. 53, 54, 1949.
- Bollettino della Società Geografica Italiana. — Roma, vs. III, IV, 1950/1.
- Brasil Açucareiro. — Rio de Janeiro, Instituto do Açúcar e do Alcool, v. XXXVI, ns. 5, 6, 1950 e v. XXXVII, ns. 3, 5, 6, 1951.
- Brotéria. Revista Contemporânea de Cultura. — Lisboa, V. LI, n.º 6, 1950, e v. LII, ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 1950.
- Bulletin of The Institute of Historical Research. — London, V. XXIV, ns. 69 e 70, 1951.
- Cadernos Mensais de Estatística e Informação do Instituto do Vinho do Pôrto. — Pôrto, ns. 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 1950/1.
- Calasans (José). — Cachaça, moça branca, Salvador, Museu do Estado, n.º 13, 1951, 112 p.
- Caldas (José Antônio). — Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759 — Salvador, Tipografia Beneditina Ltda., Edição fac-similar, 1950.
- Cartaxo (Ernani). — História e Educação, Curitiba, 1946, 34 p.
- Cauthen (Charles Edward). — South Carolina goes to war. 1860-1865 — Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1950, 256.
- Carvalho (Joaquim de). — Livros de D. Manuel II — Coimbra, Atlântida, 1950, 106 p.
- Centenário de Blumenau. — Blumenau, 1950, 492 p.
- Chueca (Fernando). — La Catedral nueva de Salamanca — Salamanca, Universidad de Salamanca, tomo IV, n.º 3, 1951, 287 p.
- Cidade Nova. — Coimbra, ns. 1, 2, 5, 6, 1950.
- Comemoração do Tratado de Limites de 13 de janeiro de 1750. — Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1950.
- Corrêa (A. A. Mendes). — Ameríndios, Pôrto, Imprensa Portuguesa, 1948, 27 p.; A Cultura Portuguesa na África e no Oriente — Lisboa, 1951.; Donde veio o nome de Lisboa? — Lisboa, 1950, 20 p.; O Pôrto, suas origens, evolução e perspectivas — Pôrto, 1950, 24 p.; Sur l'anthropologie du néo-énéolithique du Portugal — Zurique, 1949.

- Cultura.** — La Plata, anos I, II, ns. 2, 3, 5, 8, 1949, 1950.
- Documentos Históricos do Arquivo Municipal.** — Salvador, Prefeitura do Município do Salvador, vs. 4, 5.
- Douro-Litoral.** — Pôrto, Edição da Junta de Província, série quarta, 1951.
- Drumond (Carlos).** — *Notas sobre Cerâmica Brasileira* — São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1950, 8 p.
- Estudos.** — Coimbra, anos XXVII, XXIX, ns. 291, 292, 295, 297, 1950/1.
- Estudios Americanos.** — Sevilla, vs. I, II, III, 1948/9/50/51.
- Estudios de Derecho.** — Medellín, v. XII, ns. 35, 36, 1950.
- Estremadura. Boletim da Junta de Província.** — Lisboa, n.º 19, 1948.
- Facultad de Humanidades y Ciencias (Revista).** — Montevideo, n.º 6, 1951.
- Figueiredo (Fidelino de).** — *Viagem Através da Espanha Literária* — Rio de Janeiro, 1951, 106 p.
- Fouquet (Carlos).** — *Vida e Obra do Doutor Blumenau* — São Paulo, Instituto Hans Staden, 1951.
- Gil Vicente.** — Guimarães, v. I, ns. 11, 12 e v. II, ns. 1, 2, 5, 6, 7, 8, 1950/1.
- Green (Fletcher Melvin).** — *Essays in southern history* — Chapel Hill, The University of Carolina Press, 1949, 156 p.
- Handbook of Latin American Studies: 1945.** — Cambridge, Harvard University Press, 1948.
- Historia Mexicana.** — México, El Colegio de México, v. I, ns. 1, 2, 1951.
- Humanitas.** — Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vs. I, II, 1947, 1949.
- Índice Cultural Espanhol.** — Madrid, ns. 5, 7, 8, 9, 10, 1951.
- Instituto Ibero-Americano.** — Götteborg, Escola de Altos Estudos de Gotemburgo, 1950.
- Journal de la Societé des Américanistes.** — Paris, Musée de l'Homme, tomo XXXIX, 1950.
- Lively (Robert A.).** — *The South in Action: a sectional crusade against freight rate discrimination* — Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1949, 98 p.
- Masé y Vasquez (Calixto).** — *La Revolución Francesa* — La Habana, 1951, 206 p.
- Monteiro (Arlindo Camilo).** — *D. Francisco Manuel de Melo (1611-1666) e a Paremiologia* — Lisboa, 1950, 52 p.
- Murray (Paul).** — *The Whig Party in Georgia, 1825-1853.* — Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1948, 219 p.
- New Mexico Quarterly.** — Albuquerque, v. XX, n.º 4, 1951.
- O Instituto. Revista Científica e Literária.** — Coimbra, v. 114, 1950.
- Pacheco (Renato José Costa).** — *Idade Média (Algumas causas do seu termo)* — Vitória, 1948, 29 p.; *Páginas de Folclore* — Vitória, 1950, 49 p.; *Shakespeare* — Vitória, 1950, 19 p.
- Palmeiras.** — Campinas, ano XIII, ns. 100, 102, 1951.
- Petrus Nonius.** — Lisboa, v. VII, fascículo 3-4, s/data.
- Pintos (Rodolfo Almeida).** — *Vida y obra de Antonio Cardoso Fontes* — Montevideo, Publicaciones del Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño, 1949, 22 p.
- Portucal. Revista de Cultura** — Pôrto, ns. 28, 30, 1950.
- Portugal em África.** — Lisboa, ns. 42, 43, 44, 45, 46, 1950/1.
- Português. Revista para o estudo prático de Português.** — Santos, ano I, n.º 4, 1951.
- Prometeu. Revista Ilustrada de Cultura.** — Pôrto, v. III, ns. 5, 6 e v. IV, n.º 1, 1950/1.
- Quarterly Review.** — Ann Arbor, v. LVII, n.º 14, 1951.

- Revista Brasileira de História da Medicina.** — Rio de Janeiro, vs. I, II, 1950/1.  
**Revista de Economia.** — Lisboa, v. IV, ns. 1, 2, 3, 1951.  
**Revista da Faculdade de Direito.** — São Paulo, v. XLIV, 1949.  
**Revista da Faculdade de Letras.** — Lisboa, v. XVI, n.º 3, 1950.  
**Revista de Filologia Portuguesa.** — Braga, v. VII, n.º 3, 1951.  
**Revista Genealógica Latina.** — São Paulo, n.º 3, 1951.  
**Revista de Guimarães.** — Guimarães, v. LX, ns. 3-4, v. LXI, ns. 1-2, 1950/1.  
**Revista Hispânica Moderna.** — New York, ano XIV, ns. 3-4, ano XV, ns. 1-4, 1948/9.  
**Revista Interamericana de Bibliografia.** — Washington, v. I, n.º 2, 1951.  
**Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.** — Belém, v. XII, 1939-1951.  
**Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.** — Pôrto Alegre, ns. 113 a 116, 1949.  
**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** — Aracaju, v. XV, n.º 20, 1951.  
**Revista Marítima Brasileira.** — Rio de Janeiro, ano LXX, ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 1950.  
**Revista Médica Brasileira.** — Rio de Janeiro, v. XXXI, n.º 155, 1951.  
**Revista do Museu Paulista.** — São Paulo, v. IV, 1950.  
**Revista Portuguesa de Filosofia.** — Braga, v. VII, ns. 1, 2, 4, 1951.  
**Revista de la Universidad de Buenos Aires.** — Buenos Aires, Instituto de Publicaciones.  
**Revue Archéologique.** — Paris, tomo XXXVI, 1950.  
**Revue de Synthèse.** — Paris. Éditions Albin Michel, t. XXVIII, Janeiro-Junho de 1951.  
**Ribeiro (Darcy).** — **Kadiuéu. Religião e Mitologia** — Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1950, 222 p.  
**Ribeiro (Leonídio).** — **Vida e Obra de Afrânio Peixoto** — Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1951. 38 p.  
**Sal Terrae.** — Santander, v. XXXXIX, ns. 10, 11, 1951.  
**Senna (Nelson).** — **O cinquentenário de Belo Horizonte** — Rio de Janeiro, 1948, 57 p.  
**Serões. Revista Ilustrada.** — Lisboa, v. II, ns. 7, 8, 9, 1951.  
**Serrano (Antonio).** — **Los primitivos habitantes de Entre Rios** — Paraná, 1950, 177 p.  
**Sociedade Geográfica de Lisboa.** — Lisboa, ns. 3, 4, 1951.  
**Souza (João Francisco de).** — **Freire Alemão, o Botânico** — Rio de Janeiro, Pongetti, 1948, 175 p.  
**Speculum. A Journal of Mediaeval Studies.** — Pub. por The Mediaeval Academy of America. Cambridge (Mass.), vol. XXVI, n.º 1, 2, 3 e 4.  
**Tejada (Francisco Elias).** — **Doce nudos culturales hispano-suecos** — Salamanca, Universidad de Salamanca, 1950, 142 p.  
**Tenreiro (Francisco).** — **Acêrca da Casa e do Povoamento na Guiné** — Lisboa, Ministério das Colônias, 1950, 46 p.  
**The Pennsylvania Magazine.** — Philadelphia, v. LXXXV, n.º 2, 1951.  
**Universidad. Revista de Cultura y vida Universitariai.** — Zaragoza, ano XXV\$, n.º 3, 1949.  
**Univêrsidad Pontificia Bolivariana.** — Medellín, vs. XV, XVI, ns. 58, 59, 60, 1950/1.  
**Veloso (José Maria de Queirós).** — **Estudos Históricos do Século XVI** — Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1950, 209 p.  
**Vértice, Revista de Cultura e Arte.** — Coimbra, v. XI, ns. 87, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 1950/1.  
**Vianna (Hélio).** — **História do Brasil em 1949** — Rio de Janeiro, separata do tomo VII, 1950 da Revista **Verbum**, 1951.  
**Visconde de Lagoa.** — **Glossário toponimico da antiga historiografia portuguesa ultramarina** — Lisboa, Junta de Investigações Coloniais.

- Ramos y Loscertales (José Maria). — **La tenencia de año y día en el derecho aragones (1063-1247)** — Salamanca, Universidad de Salamanca, tomo V, n.º 1, 1951. 39 p.
- Reconquista.** — São Paulo, v. II, ns. 1, 2, 3, 1951.
- Revista do Arquivo Público.** — Recife, anos II, III, ns. 4, 5, 1947, 1948.
- Wey (Walter). — **La Poesia Paraguaya** — Montevideo, Biblioteca Alfons, 1951, 109 p.
- Wharton (Vernon Lane). — **The Negro in Mississippi: 1865-1890** — Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1947, 298 p.
- Zephyrus.** — Salamanca, ns. 1, 2, 1950/1.